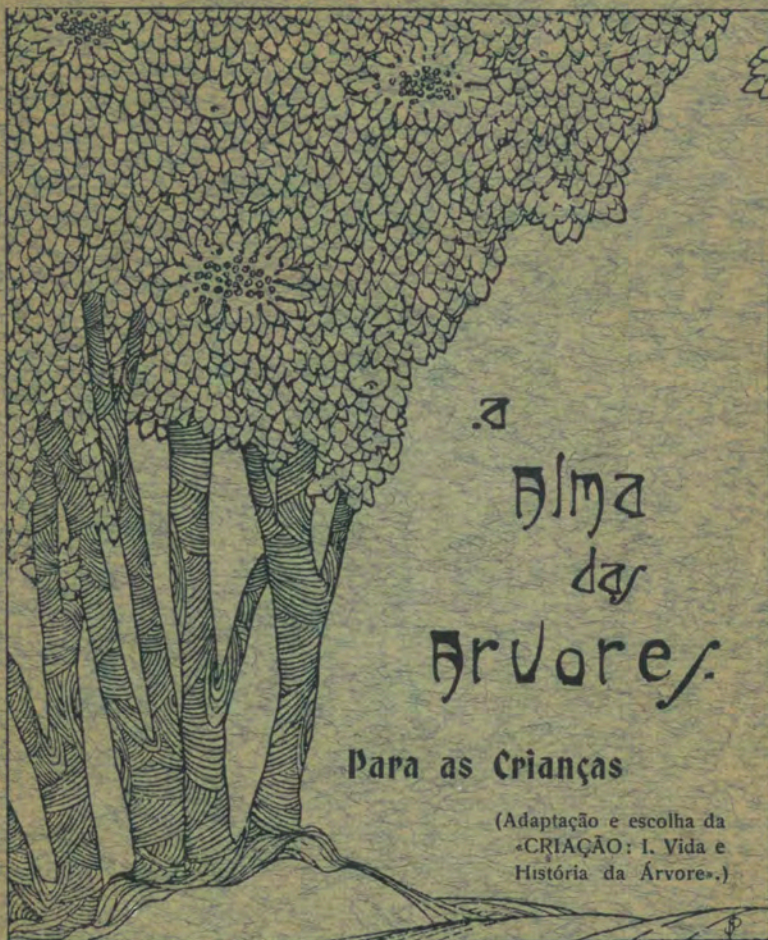


ANTÔNIO CORRÊA D'OLIVEIRA

Da Academia das Ciências de
Lisboa e Academia Brasileira



LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

PARIS-LISBOA

A ALMA DAS ÁRVORES

A ALMA DAS ÁRVORES

DO AUTOR:

LADAINHA, 1897. (*Esgotado*).
EIRADAS, 1899.
AUTO DO FIM DO DIA, 1900.
ALIVIO DE TRISTES, 1901.
CANTIGAS, 1902.
RIMANCE DO BERÇO, 1902. (*Fóra do mercado*).
RAIZ, 1903.
AUTO DE JUNHO, 1904. (*Esgotado*).
ARA, 1904.
PARÁBOLAS, 1905.
TENTAÇÕES DE SAM FREI GIL, 1907.
O PINHEIRO EXILADO, 1908.
ELOGIO DOS SENTIDOS, 1909.
ALMA RELIGIOSA, 1910.
CRAVOS, 1910. (*Fóra do mercado*).
AUTO DAS QUATRO ESTAÇÕES, 1911.
DIZÊRES DO POVO, 1911. (3.^a edição).
ROMARIAS (Separata d'«A Águia»), 1912.
A CRIAÇÃO: I. Vida e História da Árvore, 1913.

A publicar:

OS TEUS SONETOS.

A seguir, série de

A CRIAÇÃO:
II. VIDA E HISTÓRIA DA AVE.
III. VIDA E HISTÓRIA DO HOMEM.
IV. O FUTURO DA VIDA.

PARA AS CRIANÇAS

(Adaptação e escolha da “CRIAÇÃO:
I. Vida e História da Árvore”).

Por ANTONIO CORRÊA D'OLIVEIRA

Da Academia das Ciências de Lisboa
e Academia Brasileira.

2.^a EDIÇÃO

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
RIO DE JANEIRO
LIVRARIA AILLAUD E BERTRAND
PARIS-LISBÔA

Direitos de propriedade adquiridos pelas Casas Aillaud, Alves & C.^a,
de Paris e Lisboa,
e Francisco Alves & C.^a, do Rio de Janeiro

*«E será como a Árvore que vive
junto á corrente das águas : a
seu tempo dará seus frutos.»*

SALMOS.

*Entre a Enxada e o Pensamento
Há parentesco divino;
Uma, cava; o outro, cava:
—! Igual fôrça, igual destino!*

AUTO DAS QUATRO ESTAÇÕES.

PRÓLOGO

ÀS CRIANÇAS DE HOJE HOMENS DE AMANHÃ

Meus Amiguinhos: de um livro (*) grande, (não de um grande livro), concertei, por amor de vós, este livro pequenino.

Queria eu que, por amor dêle, em alguma coisa se tornasse maior a vossa alma. ¿Maior em quê? — No sentimento mais enternecido, na mais profunda compreensão que, porventura, ficardes a ter da Árvore, fiel e boa companheira da vida do Homem, desde as florestas dos tempos mais remotos até àquele rumorejante pinheiral a cuja sombra compuz estes versos. Porque foi ela, de certo modo, a nossa primeira Mãe; cresce, ao nosso lado, como as nossas irmãs; e, quando as

(*) «A Criação: I. Vida e História da Árvore».

plantamos e criamos, é como se fôsem nossas filhas...

¡As Árvores! ¡O que elas nos dão e o mal que nós lhes pagamos!

Se, algumas vezes, a inteligência dos vossos curtos anos,—¡ó minhas lindas almas em abril!—hesitar no entendimento de certos versos (raros serão êles, porque a vossa sensibilidade, essencialmente imaginativa, adivinha já muitas coisas) não desanimeis, não vos impacienteis comigo.

Eu poderia, é certo, ser mais simples e fácil,—falar-vos, em infantil linguagem, sómente daquilo que já deveis saber pelos livros de Escola e a Festa da Árvore, tão educadora e carinhosa, vos terá ensinado também.

Mas outra foi a minha ideia arranjando este livro:—interessar-vos em mais amplos aspectos da Vida, novos para vós; levar-vos, docemente, devagarinho, atrás do meu coração e do meu pensamento, por caminhos que não conheceis ainda: aqui, cheios de sombra e aliciante mistério; além, inundados de luz, entre flores, sob o canto das aves.

Quando ereis pequeninos, começastes, um dia, a aprender a andar: Como havia de parecer-vos difícil,—lindos amores de palmo e meio,—¡essa arriscada empresa! Mas a vossa Mãe estendia os braços; chamava; incitava: e eis-vos tentando os primeiros passos, a mêdo, como os passaritos aventurando-se ao rasgo heroico do primeiro vôo.

E agora, já grandes, fortes e ousados, sois capazes de caminhar estiradas léguas,—de subir até ao monte mais alto para ver nascer o sol...

¡Assim, se, em algumas passagens dêste livrinho, o vosso entendimento tropeçar, não desfaleçais, que é vergonha! Segui-me sempre: vinde à alma do poeta que vos estende amorosamente os braços, vos anima e conduz.

Se sois ainda pequenos e não alcançais a Flor Nova que desabrochou na árvore, num dos seus ramos mais subidos, pedi auxílio ao vosso Pai, ao vosso Mestre, aos vossos irmãos mais velhos. E algum dêles, erguendo mais alto o braço, vergará sem custo o arisco rebento onde brilha a misteriosa e tentadora flor,—até que as vossas mãos a colham e mergulheis os olhos no amago do seu cálice...

Mas se nem assim compreendestes, então não façais maior esforço. ¡Não vale a pena! Passai

adiante a página teimosa que parece amuada, como que a esconder de vós a sua carita séria... Fica para outra vez. ¡Passai adiante!

E, mesmo assim, afirmo-o eu, alguma luz de poesia e ensinamento caíu no vosso espírito e nêle desabrochará, mais tarde. Também as sementes, às vezes, levam dias sem conta, ocultas na profundidade e escuridão da terra, que nem parece dar por elas, — até que germinem e floresçam.

¡Vinde, ó claros e alegres corações de primavera! É um poeta, às vezes tão criança como vós sois, que vos chama a este livro.

Tentarei revelar-vos a Alma da Árvore. ¡Revelar almas é a nossa missão, a um tempo tão fácil e tão difícil!

Mas eu vos porei a conversar com elas, com as santas Árvores: para que elas próprias, falando de si, da sua bondade e beleza, do seu eterno e contente (¡consciente, ia eu a dizer!) destino de amor e sacrifício, melhor se façam compreender e amar.

¡Sim! compreendei-as no muito que elas são para vós; amai-as no muito que deveis ser para elas.

Feliz o Justo que, ao fim da vida, pudesse dizer no fundo da sua consciência:

— Por cada acção boa que vi fazer, e de que eu aproveitei, fiz mil.

Por cada bom e honrado conselho que me deram, dei mil.

Por cada coisa de beleza em que o meu espírito se alegrou, criou a minha Arte cem coisas belas.

Por cada Árvore, morta em meu benefício, desde o fogo da lareira à trave da minha casa, deixei na terra dez Árvores vivas.

¡É tão triste a terra sem Árvores! É como a candeia apagada, é como a fonte que secou, é como uns olhos que não vêem.

Os que vivem na Cidade (¡pobres, lindas aves prisioneiras dêsse sombrio cárcere de pedra e cal!) não conhecem isto.

Mas vós, ó meus vizinhos, amigos meus, que todos os dias vejo vir da Escola, ou levando já ao ombro a cruz redentora da vossa Enxada, (¡e

XIV

quantos de vós tão meninos ainda!) vinde cá e ouvi-me:

— ¿Vêdes aquele Monte, áspero e nú, tortuoso alevantamento de rochedos?

Pouco ou nada dá aos homens, êsse gigante indómito, sobranceiro a ferteis, verdes campos de muitas léguas, como um Adamastor terrível.

Duras são as fragas dos seus ossos; estéril sua carne de terra; rechupada, lívida e sêca a pele de líquenes e musgos que o cobre; escassos e perdidos os veios de água que são o seu sangue ...

¡Pois bem! semeai, plantai-lhe Árvores,—vereis aquela terra dura e atormentada desentranhar-se em bênçãos de alegria e abundância.

¡Quási toda a nossa terra, é um monte assim!

Ó filhos de Portugal, que hoje sois a sua esperança e amanhã haveis de ser o seu amparo, os seus defensores, a sua alegria e a sua honra: — amai ainda as Árvores pelo bem da nossa Pátria. ¿Não foi pelo amor da Pátria que os Poetas ergueram os seus cantos mais eternos, os Heróis morreram, batalhando, ou devassando os mares e descobrindo mundos?

Amai-a em tudo: no fundo das vossas almas,

XV

nas suas glórias como nas suas dores. E amai-a também nas Árvores que farão a sua formosura e a sua riqueza.

Lá mais para diante hei de dar-vos outros livrinhos em que medito carinhosamente: a «Alma da Ave» e a «Alma do Homem». (Fazer livros, como plantar Árvores, também é bom. E vós o sabereis quando, já homens grandes, os escreverdes, — ¡talvez para os meus filhos! — certamente melhor do que eu, mas não com maior e mais enternecido affecto.)

Se lerdes com algum agrado a «Alma das Árvores» que, desde já, aí fica sôbre a vossa banca de estudo, talvez diante da luz acesa, junto do retrato da vossa Mãe e de uma pequenina e fresca jarra com flores; se nos meus versos o vosso coração e o vosso espírito colherem algum proveito, — então é porque Deus abençoou o meu pobre trabalho: e sentirá uma das maiores alegrias da sua vida o vosso muito e muito amigo

António.

Belinho, 1 de Junho de 1913.

INVOCÇÃO À ÁRVORE

¡ Ó doce, amiga e eterna maravilha!
¡ Ó verde chama de frescura e graça!
Claro enlêvo da terra e onde ela esvoaça,
Sua primeira e bem-amada filha.

Teu corpo é feito de água e luz; e brilha,
Beijando o Sol a que se enleia e abraça.
Teu perfume se exalta: vôa, passa;
Tua raiz se prende, fica e humilha.

¿ Quem, de entre as ervas, te criou tamanha,
Que povôas e ensombras a Montanha,
Em murmúrios, em côr, lembranças da onda?

¡ Como és perfeita, e te fizeste bela!
¿ Que foste, de onde vieste, ó Árvore? E ela:
— ¡ Pergunta a Deus: meu Pai que te responda! —

I. NA MONTANHA

À MONTANHA

 ti, que de ti vem meu coração,
A minha fé liberta e religiosa,
— ¡ Montanha, mãe dos meus Avós; espôsa
Do Sol; e filha da Onda e do Vulcão!

A ti, meu canto. A ti, minha oração:
Esta revôlta névoa misteriosa
De onde há de abrir, como um botão de rosa,
Minha pálida e fria inspiração.

A ti, esta jornada incerta e obscura
Da minha alma sedenta que procura,
Na beleza e na paz, refúgio amigo.

Ajoêlho. Eis o meu Templo, o meu Altar.
—¡Homens! amai a Terra: vinde ajoelhar;
¡Deuses! e vós também... Orai comigo.

INVOCAÇÃO À FLORESTA

REGAÇO da Montanha, e seio a arfar
De anciedades, de vidas e segrêdos,
—¡Ó Floresta dos Deuses e dos Mêdos,
E descuidadas aves a cantar!

A ti eu venho, sôfrego de amar
E de me ver cingir em teus enrêdos:
Fundir minha alma às almas dos rochedos,
E ser raiz, e flor, e névoa, e luar.

Espírito cativo e sofredor
Que, para amar, criaste a alegre flor,
E o perfume subtil para ter azas:

¿ Chamavas o teu filho? Ouviu-te, e veio:
— ¡ Ó Mãe! abre-me as vidas do teu seio.
¡ Sombra! mostra-me o fogo em que te abrazas.

REVELAÇÃO

SSIM falei. E, mal calado eu tinha,
Eis a bôca da Noite que falava...
Por detrás da Montanha, o sol tombava;
Em roda, a névoa sobe e redemoinha.

¡ Crepúsculo de trágica adivinha!
(¿ Era a Vida? ¿ Era a Morte que passava?)
Ainda o poente é chama, é fumo, é lava:
Treva em delírio; luz que torvelinha.

II. VOZES DA FLORESTA

As nuvens vão surgindo em negro bando,
Sôbre êsse extremo incêndio esculpando
Monstros, abismos, rútilas arestas.

E, no sombrio e lúcido tumulto,
Vejo Árvores, subindo em alma e em vulto;
Fala-me a voz divina das Florestas...

AS ALGAS

(Voz longínqua, vinda do Mar:)

 u fui Alga do mar: vivi, um dia
Nas águas de fundura tenebrosa,
Vendo abrir-se nos céus a etérea rosa
Do Sol que me chamava e seduzia...

Quebro antigas cadeias. E subia,
Do abismo, à morna vaga deleitosa.
Fez-me um raio de sol a sua espôsa;
E num leito de espuma adormecia.

¡E vogo! Vogo, num deslumbramento
De luz e liberdade... Até que o vento
Me leva à terra, a rochas e areais.

Alga do mar, ali mudei de vida:
E fiz-me o Líquen de que foi nascida
A clara geração dos Vegetais.

O LÍQUEN

Eu sou o heroico Líquen diligente:
Bebendo a luz, a treva, a água e o ar,
Nas rochas duras, — eis-me a batalhar,
Humilde, sóbrio, activo e paciente.

Por cima, o sol, aspérrimo e candente:
Atrás, o antigo, hostil e amargo mar;
Madrasta, agreste e núa, a chamejar,
Terra de promessa na minha frente...

¡Campanha heroica, dolorosa e rude!
Mas deu-ma Deus. ¡Pois bem! que Deus ajude:
E em breve será minha a terra inteira...

Torno-me em musgo e em feto. E subo. E agito,
—¡Árvore, já!—nos cêrros de granito,
Minha verde e pacífica bandeira.

O. HOMEM

(Voz das primeiras Florestas:)

 OMOS o verde Berço do Passado;
Criou-se em nós a vida do Presente.
Quanto, na terra, vive, ou ama, ou sente,
Gerou-se em nós, por nós foi embalado.

Deus tinha-nos, em sonhos, anunciado
Um Filho, seu e nosso, belo e ardente;
Senhor do Pensamento, e destinado
A viver, por sua alma, eternamente.

A fera sucedeu ao ramo e à flor.
¿Seria tudo? ¡Não! O amor e a dor
Num sonho insatisfeito nos consomem:

¿Que viria de nós?... ¡Silêncio, fontes!
¡Monstros, silêncio! ¡Abri-vos, horizontes!
—¡Aves! cantai ao nascimento do Homem.

A CONQUISTA DO FOGO

UI, ao princípio, Vulcão
Ou Relampago da altura:
¡Fogo de tanta bravura
Que ninguém me punha a mão!

Pareça embora que não,
Eu sou alma da Verdura:
—Sêco tronco é sepultura
Da minha ressurreição.

Vai, um dia, um homem pobre
Tortura um lenho : — descobre
Que em suas mãos se incêndeia.

¡ Oh milagre! . . . E, desde então,
Fez-se Lareira o vulcão,
E o relampago Candeia.

A CASA

 M homem, de madrugada,
Sai da Caverna, — a fundura
Onde a fera e a noite escura
Comsigo tinham morada.

Sente a sua alma enjoada
Dessa meia sepultura :
— Vai sonhando, em luz e altura,
Uma janela rasgada.

¿Mas como?... Vê, no caminho,
A rôla a fazer o ninho;
Um ramo a servir de trave...

E o Homem, desde êsse dia,
Começa a ver se podia
Ter um ninho como o da Ave.

O PRIMEIRO BARCO

(Um caminheiro:)

PASSAVAM aves, aos pares;
A água, em ondas, fugia.
E o Homem, triste, sofria,
Preso nos mesmos lugares.

—«¡ Oh quem me dera, dizia,
Ir longe, por água ou ares!
Além de rios e mares,
(¡ Que lindo!) ¿ como seria? »—

Nisto passa, de repente,
Um tronco sôbre a corrente :
— «¡ Como és feliz ! ¿ Onde vais ? . . . »—

Eis os instantes primeiros
Que fizeram marinheiros
Os nossos primeiros Pais.

O ARADO

BEMDITO o que, por amor,
Bemdito o que, por engenho,
Primeiro inventou, de um lenho,
O Arado do Lavrador.

Do róseo, longínquo alvor
Da Aurora dos homens, venho
Dar luz ao mundo tamanho,
Desde o pão ao linho em flor.

Árvore, filha da serra,
Com amor paguei à Terra ;
¿Fez-me verde ? ; Enverdeci-a !

Humilde lenho sagrado,
Pelos homens feito Arado :
— Paz, abundância, alegria.

A RODA DO MOINHO



ÁRVORE eu fui, muito embora
Sob outra forma me esconda.
Bailei, à aragem, na ronda
Dos pinheirais, sol em fora.

Roda do Moinho, agora,
Às voltas, batida da onda,
; Sou como a Terra redonda
A girar na luz da aurora !

Leva-me a fôrça do rio :
Gemo, corro, ao redopio,
Desde a noite à manhãinha.

¡Canta alguém : que voz a sua !
Da mó, a andar como a Lua,
Cai o luar da farinha . . .

AS FLORESTAS SUBTERRÂNEAS

(Canção do Mineiro :)

FOMOS o Berço, acalentado ao vento,
Dos primitivos seres hesitantes :
¡Monstros ainda, — e já balbuciantes
Tentativas de amor e pensamento!

Mas outro tempo veio . . . Num momento,
Em vez das fontes que beijámos dantes,
Engolfam-nos abismos chamejantes :
¡E foi a morte, o nada, o esquecimento!

Um turbilhão de séculos passados,
(¡Corpos desfeitos e carbonisados!)
Desce o Mineiro à nossa escuridão:

E enfim nós somos quanto desejamos:
Movemos, aquecemos, alumiamos...
—!Pode morrer o corpo; a Alma, não!

A FALA DO BERÇO

u era um lenho, no monte
Onde passava um caminho,
Onde corria uma fonte.

Feliz, subia aos espaços;
As aves faziam ninho
No conchêgo dos meus braços.

Passa o tempo. E vai, assim,
Um homem que me descobre,
E fica a olhar para mim . . .

Bem mostrava ser um pobre;
¡Mas um Rei que eu vi um dia
Não era tão belo e nobre!

Põe-se a olhar . . . E já trazia
Um longo ferro acerado:
Aos duros golpes, caía.

Verteu meu sangue sagrado:
¡Mas não fiquei inimigo!
Era o destino esperado.

Carrega de ali comigo:
¡Do seu trabalho e canceira
Eu tive penas de amigo!

Quis ser leve a vez primeira . . .
Chegámos a casa, ao fim
Duma custosa ladeira.

E scismo: — ¿Para que vim?
¿Irei ao fogo a queimar?
A morte é luz . . . ¡Seja assim! —

Passam meses. Ao raiar
Da manhã, o Cavador
Começa-me a trabalhar.

Junto dêle, o seu amor,
Sua Mulher e seu bem :
Linda e fresca como a flor.

Digo, olhando-a : — Vai ser mãe.
Vou ser o berço encantado
Do filhinho que ela tem . . . —

E não me tinha enganado.
¡ Oh que boa sorte a minha !
¡ Como eu nasci bemfadado !

Desde a manhã à noitinha,
Embaló, embalo . . . E a Mãe canta :
— ¡ Dorme bem, minha filhinha ! —

¡ Quanta dor sofri, oh quanta !
Quando o ferro me rasgava :
Dor bemdita, amiga e santa.

¿ De mim que mais se esperava ?
¡ Rude pinheiro bravio
Que nem quasi sombra dava !

E agora, brando e macio,
(¡ Gelam as fontes, lá fora !)
Não sôfro um golpe de frio.

De perto, a Mãe me namora . . .
Com vontade de cantar,
Já nem sabe que se chora.

E, assim, eu ando a criar
Vida tão maravilhosa
Que mais parece a sonhar...

— ¡Dorme! dorme, meu Menino:
¡Meu lindo botão de rosa,
Tão grande e tão pequenino! —

O LENHADOR

QUê como a vida é triste e malfazeja!
¡Em que dores e angústias nos consome!
¡Rompeu a aurora: e logo a Sêde e a Fome
Nasceram com a luz que se deseja!

A vida é sempre dor, seja qual seja
Seu fingimento de alegria ou nome.
¡A terra nos sustenta; e a terra, come
Nossa bôca que fala e reza e beija!

¡ Que estranha sorte, ingénita e fatal !
¿ Como pagarmos com amor igual
À Natureza generosa e boa ?

— ¡ Ó Arvoredo ! companheiro e amigo,
Meu lume, minha sombra, meu abrigo :
¡ Vou-te cortar ! A Fome o quer... Perdôa.

O PERDÃO DAS ÁRVORES

EIS-NOS mortas, de rastos, pelo chão !
E fomos belas, altas e frondosas.
E demos doces frutas saborosas
Que mataram a sede e foram pão.

Em nós, cheias de enlêvo e mansidão,
Fizeram ninho as aves amorosas.
Pelas séstas de julho a arder, piedosas,
Fomos a sombra e a voz da solidão.

Fomos o berço do homem e o seu lume;
Demos-lhes bênçãos, cantos e perfume;
Caixão, em nós descança, até final.

Demos a vida a quem nos tira a vida:
; Mas só nos dói a ingratidão sofrida
Dum mal inútil, — feito só por mal!

CANÇÃO DA AVENCA

 ou franzininha e pequena:
Nasci para ser assim.
; Mas, apesar de pequena,
Não tenham pena de mim!

Debruço-me à beira da água:
Não pode haver melhor bem.
; Sou os encantos da frágua,
Que tem vaidades de mãe!

Tenho a fôlha miúdinha,
Que, maior, fôra abusar :
A luz tem pressa, caminha,
E diz-me adeus, sem parar.

Não olho os céus, de soberba,
Antes olho para o chão :
Quem nasceu para ser erva
Não muda de condição.

Fujo ao olhar do sol, e busco
Recanto em que a luz não arde :
Eu gosto do lusco-fusco,
— Sou como a estrêla da tarde.

Quasi sem côr, sem perfume,
Sou humilde de nascença.
(O cheiro é fala de lume
Gritando a nossa presença . . .)

Sou franzininha e pequena :
Nasci para ser assim.
¡Deixá-lo ! Não tenham pena . . .
— ¡ Todos se agradam de mim !

OS PRIMEIROS DEUSES

 OMOS nós, as Florestas religiosas,
A arder na fria chama das verduras,
Quem primeiro ensinou às criaturas
O eterno Além das coisas misteriosas . . .

Sob as profundas noites rumorosas,
Ao branco luar, — o Espectro das alturas, —
Em nós erravam, pelas espessuras,
Fantasmas, vultos, sombras prodigiosas.

Calavam-se aves; e rezavam fontes;
E scismavam as feras; horizontes,
Velavam-se de brumas e segrêdos...

E os homens, tristes, pálidos, absortos,
Pensando ver o Espirito dos Mortos,
— Transformaram em Deuses os seus mêdos.

A ÁRVORE DA CRUZ



NDAVA Christo no mundo,
Imerso em sonho profundo,
— Todo humano, todo céus:

Só nos homens meditava;
Só para os homens sonhava
O amor, as bênçãos de Deus...

Nos seus ásperos caminhos,
Árvores e passarinhos
Em vão chamavam, em vão.

Caminhava, alheio e santo:
Seus olhos cegos, de tanto
Ver a humana escuridão.

Verdes ramos, quando o viam,
Debalde em rosas abriam,
Sorrindo sem o alegrar.

Como disse à própria Mãe:
— «¡ ¿ A que vens, Mulher?! » — também
Passava sem nos tocar.

Não sentiu nossa alegria,
Nem viu nossa companhia,
— Boas Árvores leais! —

Não amava a Natureza,
Trocando-a pela beleza
De coisas desnaturais . . .

Eu fui o triste madeiro
Onde êsse Deus verdadeiro
Fechou os olhos à luz:

Árvore, (¡ que pena eu tenho!)
Só me sentiu quando lenho
E negros braços da Cruz . . .

Mas, na terra, entre os seus brilhos,
Deixei ficar os meus filhos,
Herdeiros dos meus amores:

Volte Jesus aos caminhos...

— ¡ Verdes irmãs! dai-lhe flores,
Em vez de cruz e de espinhos.

GRILHÕES DAS FRAGAS

ORVA montanha, aos céus alevantada
Como um revôo de águias monstruosas:
Suspensa, agora, em penhas temerosas;
Logo, em negras ravinas abismada.

Vulcânica revolta fulminada,
Repreza em surdas raivas tormentosas...
— ¿ Quem vos contêm, ó fragas desejosas
De sepultar o vale, em derrocada? —

—¡Somos nós, pobres Árvores! Titans,
Erguendo a fronte à bruma das manhãs,
Prendendo a rocha em élos de raízes.

¡Somos nós, nossa fôrça e eterna dor!
E há quem nos julgue (ao ver-nos sempre em flor)
Inúteis, descansadas e felizes . . . —

A FALA DAS FONTES

NDAM os homens cavando,
A dura terra minando,
Em busca dum veio de água.

Revolvem montes incultos;
Sondam abismos ocultos;
Rasgam os seios da frágua:

E a quantos chega o sol-pôsto,
Só no suor do seu rosto
Vendo fontes de amargor!

(A terra, às vezes, também
É como um seio de mãe
Mirrado de fome e dor...)

Ora, as fôlhas das verduras
São bôcas de criaturas:
Bebem as nuvens dos ares.

E as nuvens são água viva;
Boa frescura nativa,
Filha de rios e mares.

Beijadas da luz tão doce,
Perderam tudo o que fosse
Gôsto de bravas agruras.

¿ Nuvens que roçam estrêlas
Chamam Árvores por elas?
— ¡ Logo descem das alturas!

Em seus íntimos trabalhos
Tornam-se em chuva, em orvalhos
Que se embebem pelo chão:

E, lá fundo se ajuntando,
São veias de luz, pulsando:
— ¡ Cada monte é um Coração!

¡ Homens cegos que não vêdes,
Minados de eternas sêdes,
A minar a terra e a frágua!

Se delas fontes quizerdes,
Enchei-as de árvores verdes:
Dai água a quem pedis água.

Chamai as nuvens dos céus;
Criaí vidas, como um Deus;
Tornai em bosques os montes:

—E, nas verduras felizes,
Nos trabalhos das raízes,
Vereis a Fonte das fontes.

ÁRVORES COMPANHEIRAS

ROCURAM-NOS os homens, quando estão
Cheios de desespero e de desgosto,
E a dor lhes tolda em sombra o olhar e o rosto:
Nuvem de encontro à luz do coração.

Homens, fugindo aos homens, eil-os vão
(Trôpegas almas sem amparo e encôsto)
Entre Árvores buscar, pelo sol-pôsto,
A muda e cega e bruta solidão...

Engano, orgulho, pérfida quimera . . .
— ¡Homens, como sois vãos! Quem vos dissera
¿Que a nossa alma sensível entendia?

Nós calamos, é certo, o gesto e a voz:
Que não acorde a vossa dor feroz . . .
¡Mas, isso mesmo, é nossa companhia!

CANÇÃO DA FLOR

OU um milagre da luz,
Quási do Espírito. Eu sou
A redenção duma cruz:

—¿A raiz que se enterrou
Trabalha a negra fundura?
¡Fez-se perfume, e voou!

Sou alma, feita escultura
De carne. Sendo matéria,
Mais sou alma isenta e pura.

Sou quási uma vida etérea.
Sorriso de amor e graça,
Seja, embora, triste e séria.

Sou como um sôpro que passa:
E às vezes encho um deserto;
Consolo, ameigo a desgraça.

Azas não tenho: decerto
Porque a terra me quis tanto
Que me prendeu de mais perto...

Sou a côr tornada canto:
—Escala de luz e gama
Da voz da côr, riso e pranto.

Sou, aqui, alegre chama;
Alêm, bruma anoitecente
De onde a sombra se derrama.

Nasci com o sol nascente;
Amei com o meio-dia;
Depois... ; Morreu, ao poente,
A vida de que eu vivia!

PINHEIRAIS DE AGÔSTO

 IS-NOS, ao sol em chama, serras fora,
De verde acompanhando a branca estrada.
Olhos sedentos, alma fatigada.
Bebem em nós a luz descansadora.

Em nós descança a sombra, ao vir da aurora,
Até que o sol abala de longada ;
Em nós descança a rôla enamorada,
Crepúsculo de voz que reza e chora.

Em nós descança o heróico vento, quando
A tempestade, em frémitos, quebrando,
Desmaia de remorsos e de mágoa . . .

Em nós, — vivas agulhas de penumbra, —
Sequiosa aragem, quando o sol deslumbra,
Fere-se, acorda: corre à busca de água.

A OLIVEIRA

 OMENS e Deuses amaram
Minha vida humilde e amiga,
Desde a bela Grécia antiga
Aos tempos que não passaram.

Sou a sombra dos caminhos,
E sou a luz da pobreza ;
O meu seio é farta meza
Dos homens e passarinhos.

Nos tempos do antigo culto
Ao Fogo eterno e sagrado,
Fui lenho a arder, destinado
A invocar um Deus oculto...

Trigueira, à luz do luar,
Quando nos campos floresço,
Visto de branco: pareço
A noiva que vai casar.

Cativa, sou liberdade:
Subo na luz que derramo.
Triste, séria e honesta, eu amo,
Fecunda como a bondade.

Como a aragem, num momento
Transformada em ventania,
Na minha luz se alumia,
Sobe, ondúla o Pensamento.

Cingi fronte. Vi altares.
Fui paz, epopeia, idílio.
Louvou-me a voz de Vergílio;
Louvam-me as aves nos ares.

Mas, à luz em que me inundo,
Nada, com mais sentimento,
Melhor disse o meu intento
Do que este cantar profundo:

— «Verde foi meu nascimento,
E de luto me vesti:
¡Para dar a luz ao mundo,
Que tormentos padeci!» —

O PLÁTANO DE XERXES

SOVERBO, glorioso, belo e ardente,
Vencedor e feroz, — um Rei antigo
Marchava sôbre o pálido inimigo
Que fugia, de medo, à sua frente.

Num deserto. Era em julho... De repente,
As multidões heróicas dão comsigo
Junto ao frescor consolador e amigo
Da minha vasta sombra onnipotente.

Pára o Rei, como à face de um Espectro.
Suspende, em mim, coroa, gládio e scetro;
Três dias me festeja ao sol que brilha.

E diz ao seu exército pasmado :
— «Fiz reinos, Deuses. . . ; Tudo é fumo, ao lado
Desta simples e fácil maravilha!» —

AS CEREJEIRAS

NDA abril, alvor de maio . . .
Vão as árvores surgindo
Dos frios do seu desmaio.

À luz doirada, caindo
Como em lágrimas de orvalho,
O ar é doce, o campo é lindo.

¡ O sol, que bom agasalho !
A terra, lembra a vêlhinha
Das cerejas ao borralho . . .

Por sôbre as neves, sósinha,
Em nuvens que são andor,
A Primavera caminha.

Em tudo encontra o torpor
Dos gêlos : ¡ oh que alegria
Quando topa algum verdor !

Vem descendo a serrania,
Inda a mêdo ; ¡ e não descança
Toda a noite e todo o dia !

Se encontra alguma criança
(Quer seja menino ou flor)
As suas bênçãos lhe lança.

Caminha, cheia de amor . . .
E agora, chegando ao vale,
Respira com mais fervor :

Encontra já quem lhe fale,
Quem a festeje e saúde,
Quem em promessas a iguale.

Deixou a montanha rude,
Bravas terras onde o arado
A sua voz não ajude.

Vê tudo, em roda, alarmado
Nas suas vivas carícias,
Desde a frágua ao choupo alado.

Vê-nos a nós, em delícias,
Córando de amor e enleio,
Abrindo-lhe o verde seio:

— Dando-lhe as nossas primícias

O CASTANHEIRO DA FONTE

A planura ou na encosta de algum monte,
Soberbo a tudo quanto vejo em frente,
Sou um verde Titan, divinamente
Aureolando de sol a heróica fronte.

Domino a terra e os longes do horizonte;
; Como as estrêlas velho, e môle e ardente!
— Génio das selvas, ao luar dormente,
Guardando o esperto anseio duma fonte...

Eil-a, a meus pés, a lúcida Princeza
Filha das nuvens e da profundez
Da esfíngica montanha austera e dura.

E, manso e forte, eu velo o mago encanto:
— ¡Sou Hércules, vencido a ouvir seu canto;
Dragão, mudado em trémula verdura!

A HERA

E essa Eva eterna, a Verdura,
Rasteira, humilde e inocente,
Eu fui a antiga Serpente:
— ¡Fui a Tentação da Altura!

Por entre as ervas do chão
Rastejei na terra fria;
¡Mas ergui à luz do dia
Raizes da escuridão!

Súbi aos altos fraguedos:
À relva, ao musgo, ao serpol,
Eu préguei a luz do Sol
E revelei seus sêdros.

Sôbre o roble que seduz
O arbusto que desanima,
Eu digo aos ramos: — ¡Acima!
Quanto mais alto, mais luz. —

Sou a imagem da Verdade,
Alma de toda a criatura:
Subo, — como quem procura...
¡E scismo na Eternidade!

¡Sou tão constante e tão forte,
Sei tanto das Leis divinas
Que, no meio das ruínas,
Torno em vida o que foi morte

Amo, vivo, creio, espero;
Sôfro, trabalho, persisto.
Sou parábola de Christo;
E sou um canto de Homéro.

Sem mim, de rastos, no chão,
Ficára sempre a Verdura...
Eu dei-lhe as ancias da altura
— ¡Fui o Sonho, a Tentação!

OS SALGUEIROS

SÔBRE as múrmuras águas debruçados,
Sombrios, tristes, pálidos, frementes,
Passam por nós as horas inclementes
Dos longos, fulvos dias abrasados.

Vem a noite, depois. Os céus, magoados,
Como que choram lágrimas ardentes.
E nós, a olhar as águas transparentes
E a ver-nos, noutra luz transfigurados.

Nem nos acorda o cântico da aragem,
A olhar, a interrogar a nossa imagem
Nêsse ocultismo lúcido e profundo:

— ¿Serão formas de espíritos? ¿o Além
Das nossas vidas?... ¿Quem o sabe, quem?
¿Água, o que és tu?— ¡Eu sou um Outro Mundo!—

A FALA DO LUME

 u fui árvore do monte,
Linda fonte de verdura,
Sem nunca ver uma fonte.

Vivi cem anos, segura
Da minha vida inocente,
Fecunda, bondosa e pura.

Mas, um dia, ao sol-nascente,
Vieram homens. . . ¡Morri,
Sempre formosa e contente!

É meu corpo, agora e aqui,
Fonte de luz e calor:
E vejo o que nunca vi.

Ardo, em frémits de amor,
Na lareira pobresinha
Do rude e bom Cavador.

Tudo de mim se avizinha:
Mãe e pai, filhos pequenos,
A velha e santa avósinha.

Não quero ser mais nem menos
Seja lá para quem fôr:
— A todos falo, em acenos.

O proprio cão do Pastor
Tem doce partilha igual
Nas bênçãos do meu calor

¡Lá fora, que vendaval!
¡Que noite escura, que frio,
Que desesperos, que mal!

Ralha o trovão; chora o rio.
— E dou luz à casa toda:
¡Canto, abençoô, sorrio!

E a Família à minha roda:
Scisma o pai na sementeira;
A filha sonha na boda.

Felizes, desta maneira,
Deitam contas ao Futuro:
— «Se fôr assim . . . ¡Deus o queira!»—

E subo, mais vivo e puro;
— Aceno: digo que sim;
Leio nas sombras, murmuro . . .

¡Almas tão lindas! Ao vê-las,
Brilho mais: e, mesmo assim,
¿Dou-lhes eu luz, — ou são elas
Que me alumiam a mim? . . .

O CIPRESTE

AS frias solidões do cemitério,
Minhas raízes cravam-se no chão:
E bebem, em vital sofreguidão,
Os eflúvios da Morte e do Mistério.

Soturno, escultural, profundo e sério,
Ergo-me à luz do sol; ou ao clarão
Da lua, a triste e pálida Visão,
Fantasma do Além-tumulo sidério . . .

Ó pais, ó mães, ó filhos que sofreis
A dor eterna: não amaldiçoeis
As minhas fundas, ávidas raízes!

¡ Quantos de vós, na vida separados,
Sangues de morte em seiva transformados,
Em mim renascem,—juntos e felizes!

O SOBREIRO

UM êrmo, sôbre um morro, o vale em frente,
Eis-me a prégar, à Natureza inteira,
O Amor: celeste, pura e verdadeira
Doutrina,—lei de quanto vive e sente.

Profeta eu sou: ungiu-me o Sol ardente.
Filho da Terra-virgem. Vivo à beira
Da fonte, e tenho sêde! E morde a poeira
Minha folhagem lúcida e morrente!

Como préguei o Sacrifício e o Amor,
Ferem-me os homens: dão-me o escárneo e a dor:
Deixam-me, nu e em sangue, ao vento e à luz.

E, sôbre o negro cêrro solitario,
Sou como o Christo ao cimo do Calvário,
Abrindo os braços, pálidos e em cruz!

O LINHO

ORRE água; passa um caminho;
Uma casa... ;Olha a lareira!
Olha as conversas do linho
Com a linda Fiandeira:

—Venho, desde o tempo antigo,
Junto aos homens, como agora:
Alvo companheiro amigo
Pela escura vida fora.

Branco como a luz do céu,
Que purezas tenho visto!
—Cingi o corpo de Orpheu,
E fui túnica de Christo.

Da companheira de Ulisses
Fui teia de altos enrêdos:
Tecida em falsas meiguices;
Desfeita em leais segrêdos...

Urdiram-me Castelãs,
Tecendo os sonhos primeiros...
Fui pendão de Cavaleiros,
À luz de heróicas manhãs.

¡ A quantas chagas sangrando
De pátrio amor e virtude,
Eu fui, balsâmico e brando,
Consolação e saúde!

Fui aza das Caravelas.
Fui união, sendo nó.
Súbi, um dia, às estrêlas,
Feito escada de Jacob...

Branco sou: a Dor me salva
Da escura, primeira côr;
—¡ A vida, para ser alva,
Precisa da negra Dor!

E fui papel de escrever;
E sou carta: em mim palpita:
¡ Quanto coração a arder!
¡ Quanta saudade infinita!

Livro, depois de ser teia,
A tremer na mão inquieta,
Eu ardo em fachos de ideia:
— Os sonhos de algum Poeta.

Entre beijos, entre cantos,
Fiam-me, à noite, no lar:
Sou a riqueza, os encantos
Da Noiva que vai casar.

Na meza do Altar divino,
Ou na do Pão, sou toalha.
Sou roupinha do menino;
E sou lençol da mortalha.

Corre água. Passa um caminho.
Uma casa . . . Olha a lareira:
— ¡ Dobadoira, doba o linho!
¡ Tece, tece, Tecedeira!

OS PINHEIRAIS DAS DUNAS

EIS-NOS, de rosto ao Mar, juntando as vidas
Em bélicas e indómitas legiões,
Entre as falsas carícias, as traições
Das volúveis areias resequidas.

As tormentosas ondas, — repelidas
De cortantes fraguedos, — em bulções
De vagas, entre nuvens e trovões,
Dão-nos longas batalhas repetidas.

Tufões, dilúvios . . . Morde-nos a areia.
Mas a nossa alma é firme, e não receia,
Nem se deixa vencer na dura guerra.

¡Quer-nos beber, o Mar! E algum de nós,
Diz-lhe, afrontando-o, erguendo o gesto e a voz:
— ¡Atrás! Esta é a nossa Pátria: a terra. —

O PERFUME

 que sou eu? — O Perfume, —
Dizem os homens. Serei.
Mas o que sou nem eu sei . . .
Sou uma sombra de lume!

Rasgo a aragem como um gume
De espada: Súbi. Voei.
Onde passava, deixei
A essência que me resume.

Liberdade, eu me cativo:
; Numa renda, um nada, eu vivo
Vida de Sonho e Verdade!

; Passam os dias, e em vão!
— Eu sou a Recordação;
Sou mais, ainda: a Saudade.

A LANÇA DE NUN'ALVARES

 FUI como a vara de Moisés, em frente
Do antigo povo, eleito do Senhor;
— Toquei o chão da Pátria: em luz e amor,
Dei-lhe de uma Água límpida e corrente...

Mas fôra um ramo de Árvore: inocente,
Floríra em paz e lírico esplendor.
Depois, fui Lança: e abri, em rubra flor
De sangue, o peito do Inimigo ardente.

Haste de lança, pela Pátria erguida,
Para ser bela enchi de morte a vida...
(A guerra, inda a mais santa, é sempre a guerra!)

Em glória e orgulho, eu lembro o heróico esforço;
—Mas choro, de saudade e de remorso,
Lembrando que fui Árvore da terra!

AS CARAVELAS

 OMOS um lenho dos mares;
Fomos o lenho da Cruz,
E o lenho ardente dos lares.

E sempre demos a luz:
Quer rasgando a treva e a onda,
Quer no sangue de Jesus...

Por mais que a névoa te esconda,
¡ Ó Mar! seremos o grito
A que a tua alma responda.

¡ Vamos, num sonho bemdito,
Procurar, à luz de estrêlas,
O fim do negro infinito!

¡ Nós somos as Caravelas!
E já fomos, nalgum monte,
Árvores mansas e belas.

Vamos, agora, defronte,
Na vaga que nos inunda,
Em busca de outro horizonte:

¡ Pára! névoa vagabunda.
¡ Mar! sê manso e chão, lavrado
Nesta lavoira fecunda.

¿ Que importa a Lenda? ¿ o Passado?
Negro Adamastor... ¿ Que importa?
¡ Somos um bosque encantado!

Nascemos da vida morta:
¡ Da verde porta fechada
Batemos a nova porta!

Da verde fé enraizada,
Ganhamos livres raizes
Em campo de água salgada!

Sol do Levante, que dizes?
— Além do mar, novas terras
Novas Estrêlas felizes . . . —

¡Ó Luziadas! ó guerras!
¡Adeus, ó verde prisão!
¡Adeus, ó Pátria das serras!

¡Abre-te mais, cerração!

— ¡Acima! acima gageiro . . . —

¡Bemfadado o que primeiro
Vir terras de promessa!

CÔRO DAS ÁRVORES

OMOS mais do que a Lança de algum Santo,
Redenção da chorosa Pátria bela;
Mais do que a nossa filha, a Caravela,
Rasgando o negro mar de enleio e espanto.

Somos a Mansidão: o claro encanto
Da Terra-mãe, a labutar por ela;
Somos a vida que desponta, e vela,
Afugentando a morte em verde canto . . .

III. CONSELHOS A UM FILHO

¡ Ó terra! ó Mater dolorosa e séria:
¿ Enchem-te os homens de mortal miséria?
Podem os nossos ramos resgatar-te:

— ¡ Lanças, em flor, as nuvens traspassando!
¡ Caravelas, com rumo a Deus, levando
O Amor, o Pão e a Água a toda a parte!

MÃE

LHA, meu Filho! quando, à aragem fria
De algum tórvo crepúsculo, encontrares
Uma Árvore velhinha, em modo e em ares
De abandono e outonal melancolia :

Não passes junto dela, nêsse dia
E nessa hora de bênçãos, sem parares ;
Não vás, sem longamente a contempires :
Vida cansada, trémula e sombria !

Já foi nova e floriu entre esplendores ;
Talvez, em derredor, dos seus amores
Inda haja filhos que lhe queiram bem . . .

Ama-a, respeita-a, ampara-a na velhice ;
Sorri-lhe com bondade e com meiguice :
— ¡Lembre-te, ao vêl-a, a tua propria Mãe !

IRMÃS



ALVEZ sôfras, um dia, consumido
De negras penas, íntimo desgôsto :
As lágrimas correndo pelo rosto ;
Dos vãos e falsos homens escondido.

¿ Vês o teu Sonho em trevas afundido,
Lembrando um poente trágico de agosto ?
¿ Não tens onde buscar alívio e encôsto,
Alma engeitada, coração traído ?

As árvores da porta, a clara alfombra,
Conhecem, de pequeno, a tua sombra,
Tão bem como conhecem a manhã.

Boas e amigas, debes entendê-las :
— Vai, ó meu Filho! vai: confia nelas
Como num seio virginal de irmã.

NOIVA

UMA manhã de maio, embriagante,
Embebida no ardor da Primavera,
Olhos cheios de sol e de quiméra,
Irás, cantando, pela estrada adiante.

Repara, então, nessa Alma trasbordante,
— Na vida que da morte renascêra, —
Feita em musgos, em flor, em cedro, em hera,
Em pâmpanos de viço tumultante.

¡Filho! repara como é tudo um hino:
Um canto nupcial, o amor divino,
Levantando-se à luz da madrugada.

¡Que fresca e linda, a Macieirinha em flor!
(Has de ser môço: has de sentir o amor...)
¡Que linda! — Lembra a tua Namorada.

FILHOS

OCE tarde de abril... E a Tempestade
Caiu dos céus em fúria tenebrosa:
— ¡Morreu a Luz esplêndida e formosa;
E tudo é frio, escuridão, saudade!

Filhos da etérea e morta Claridade,
Os ramos, de verdura melindrosa,
Sensíveis que nem pétalas de rosa,
É como se ficassem na orfandade!

Seus débeis braços torcem-se no vento ;
E soluçam, num murmuro lamento,
Pedindo ao Sol a paz, o amor, o brilho.

Tem pena dessa angústia e dura sorte ;
A Luz é mãe ; a Escuridão é morte . . .
— Lembra-te, Filho, que hás de ter um filho.

PELA PÁTRIA

UVE, meu Filho : cheio de carinho,
Ama as Árvores, ama. E, se puderes,
(!E poderás : tu podes quanto queres !)
Vai-as plantando á beira do caminho.

Hoje uma, outra amanhã, devagarinho.
Serão em fruto e em flor, quando cresceres.
Façam os outros como tu fizeres :
Aves de abril que vão compondo o ninho.

Torne fecunda e bela, cada qual,
A terra em que nascer: e Portugal
Será fecundo e belo, e o mundo inteiro.

Fortes e unidos, trabalhai assim...
— A Pátria não é mais do que um jardim
Onde nós todos temos um canteiro.

LAUS DEO: LAUS NATURÆ

INDICE

EPIGRAFES	V
PRÓLOGO	VII
INVOCACÃO A ÁRVORE	I

I. NA MONTANHA

À Montanha	5
Invocação à Floresta	7
Revelação	9

II. VOZES DA FLORESTA

As Algas	13
O Líquen	15
O Homem	17
A Conquista ao Fogo	19
A Casa	21

O Primeiro Barco	23
O Arado	25
A Roda do Moinho	27
As Florestas Subterrâneas	29
A Fala do Berço	31
O Lenhador	37
O Perdão das Árvores	39
Canção da Avenca	41
Os Primeiros Deuses	45
A Árvore da Cruz	47
Grilhões das Fráguas	51
A Fala das Fontes	53
Árvores Companheiras	57
Canção da Flor	59
Pinheirais de Agôsto	63
A Oliveira	65
O Plátano de Xerxes	69
As Cerejeiras	71
O Castanheiro da Fonte	75
A Hera	77
Os Salgueiros	81
A Fala do Lume	83
O Cipreste	87
O Sobreiro	89
O Linho	91
Os Pinheirais das Dunas	97
O Perfume	99
A Lança de Nun'Alvares	101
As Caravelas	103
Côro das Árvores	107

III. CONSELHOS A UM FILHO

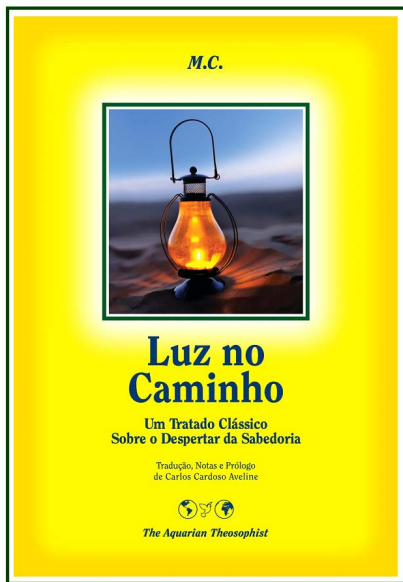
Mãe	111
Irmãs.	113
Noiva.	115
Filhos.	117
Pela Pátria	119

000

Final de “A Alma das Árvores”.

000

Sobre o mistério do despertar individual para a sabedoria do universo, leia a edição luso-brasileira de “**Luz no Caminho**”, de M. C.



Com tradução, prólogo e notas de Carlos Cardoso Aveline, a obra tem sete capítulos, 85 páginas, e foi publicada em 2014 por “**The Aquarian Theosophist**”.

000